REALISMO E NOMINALISMO

NA FILOSOFIA MEDIEVAL

UMA PALESTRA PARA ESTUDANTES

DJACIR MENEZES

Açula-se a imaginação com a retorica efemera das tribunas, atafonando insistentemente a sanfona do verbalismo que ronca em todos os dominios: na filosofia, na arte, na pseudo-ciencia dos apedeutas travestidos de sábios a troco de palavras, palavras e palavras. Esses sempre existiram. E um escritor da meia-idade chamou-os apropriadamente de—*nugiloquos ventilatores.*

Por isso, quando tivestes a gentileza de honrar-me com este convite, entrei a buscar tema filosofico que vos proporcionasse alguns momentos de proveito intelectual, sem fugir da esfera de minhas cogitações habituais. E foi dessa maneira que escolhi como assunto o

1.—PROBLEMA DA REALIDADE OBJETIVA NA FILOSOFIA MEDIEVAL.

Não tenho a pretensão de trazer-vos novas interpretações nem arremessar nova luz nesse dominio, o que seria uma notavel miopia no considerar minhas possibilidades mentais Porem talvez seja util o exemplo de um certo amor e perseverança no estudo dessas questões filosoficas. Que válha ao menos a intenção do meu esforço.

Formou-se uma corrente que julgou a Idade média como uma noite tenebrosa cobrindo letargicamente a humanidade occidental por largos e estereis seculos. Bateu-se muitas vezes o velho chavão, repintou-se o repintado quadro medieval a côres negras. A cultura antiga se sepultára negramente, como um clarão estrangulado numa cordilheira sombria de dogmas, chumbando na ignorancia o espirito humano. Nada respirava sadiamente e livremente. E prosseguia a obra surda da demolição das belezas

antigas, da filosofia antiga, da arte antiga, e o mundo era o atrazo, a esterilidade, o fanatismo, a miseria, sem pensamento e vazio, numa hierarquia dura de valores sob o controle dos barões feudais e da autoridade eclesiastica, macerado de sofrimentos, açoitado por um vendaval de misticismo que lhe obnubilára o sentido claro e feliz da Vida, enlouquecido pelas perspectivas lividas da Morte.

2.—O FENOMENO SOCIOLOGICO DA RENASCENÇA.

Nessa noite, cobrindo essa negra paisagem de desespero, repentinamente, a Renascença rompe, como um dia subito. Comparava-se, então, a uma aurora, que acutilava as trévas medievais, sorrindo ao mundo.

Ora, havia excessiva superficialidade nessa explicação. Urgia perquirir causas mais fundas, os verdadeiros fatores do dinanismo dos fatos sociais. Quem se aproximasse mais, pelo estudo, iria então lobrigando toda uma prodigiosa fermentação de idéas, de sistemas filosoficos, de discussões onde a logica realisa desvairados malabarismos de equilibrio ... E toda essa paisagem mental vai adquirindo relevo, nitidez, amplitude, enchendo o horisonte da inteligencia e explicando-nos então certas diretrizes sociologicas e culturais que se projetaram seculos a dentro da idade moderna. Toda uma documentação de critica historica surge, atenuando e fixando mais veramente o julgamento dos humanistas do seculo XV, em plena reação contra a filosofia da epoca (1).

Essa Renascença subitanea, desligada de conexões historicas e sociais do passado, como um grande absurdo, aberrando das leis sociologicas, vai sendo lentamente reduzida nas suas proporções pelas explicações modernas. E' a ruptura entre dois ciclos de civilisação, não ha negar. Mas essa transformação, preparada no sub-solo economico, desarticularia a estrutura do mundo feudal, sob ação de poderosos fatores fóra da vida mental dos povos ... As causas motrizes não eram idéas. Não nos deteremos na estrutura politica e social da meia-idade:

(1) Julio Gonzalez, *Ensayo sobre el humanismo*, 1925.

autores de grande independencia mental, como Kropotkine, surpreenderam lá instituições de solidariedade humana, como as *guildas*, ajustadas ás exigencias do tempo, demonstrando uma estrutura "capaz de contentar o radicalismo moderno" (2), pela proteção ao trabalho (3), congressos laboristas, jornada de repouso aos sabados, regimes corporativos sem asfixia da iniciativa individual,—toda uma sociedade ignorada quanto aos seus fundamentos e arcabouço economico-politico... Mas não exageremos.

Não nos interessa aqui como *viveu* essa sociedade, sim como *pensou*. A estrutura economica, desarticulando-se, abateu as construções especulativas... E no tumulto das correntes que cruzaram o seu pensamento, — como alguns dos seus expoentes encararam e debateram a realidade objetiva?

3.—QUE É REALIDADE OBJETIVA?

Este mesmo problema que está á base do pensamento contemporaneo figurou, com as vestimentas da época, no cartaz da filosofia medieval. Assim, o que Avenarius, Mach e Petzoldt, para citar somente a trindade maxima do empiriocriticismo, veem debatendo hoje com tanto rumor, tomando saídas que a mim me parecem nitidamente idealistas, foi tratado pelos expoentes do pensamento medieval á sua maneira, com as armas e tecnologias fornecidas pela ciencia de seu tempo. Antes de mais nada, atalharme-eis: porem que vem a ser essa questão de realidade objetiva?

Vou resumir concisamente.

O senso comum dos homens sempre admitiu a existencia dos objetos materiais exteriores como realidade indiscutivel. Quem, no meio de vós, não sorrirá á idea de que esse mundo exterior não exista? *Algo*, que é resistencia e fonte de sensações? Um individuo que formulasse seriamente esse pensamento: "essa meza não existe sinão como sensação minha"—considerarieis, invadidos de inquietação, o funcionamento normal da cabeça desse individuo. Pois

---

(2) Kropotkine, *L'Entr'aide*, 1906, p. 211.
(3) Janssen, *Geschichte des deutschen Volkes*, I, p. 315.

não foi um louco quem sistematisou essa opinião audaciosa: foi o arcebispo de Berkeley (4). E fê-lo com extraordinaria coerencia lógica, raciocinando assim: a *idéa* dessa meza é mental; eu conheço minhas sensações; a materia não existe, o que existe são as variadas sensações; logo, o que existe são as sensações, as idéas, no espirito, como realidade unica. Dissolveu-se a realidade objetiva no subjetivismo mais radical. Os pensadores modernos tentaram tomar outro caminho. Mach, por exemplo, nas pegadas de Richard Avenarius (5) e W. Schuppe, quiz resolver a velha contradição, tão debatida na filosofia classica alemã, da *identidade do ser e do pensamento*. Pretendeu superpor-se á contradição *Eu, não-Eu*. E concluiu: nem fisico, nem psiquico. Não ha realidade objetiva, nem realidade subjetiva. Nem materia, nem espirito. E o que ficou? Mach responde: elementos do mundo, que são as sensações *(Weltelemnte, Empfindungskomplex...)* Bertrand Russell andou no mesmo sentido e concluiu por uma "substancia neutra", nem fisica, nem mental. Poderia discutir mais pormenorisadamente, mas afastar-me-ia do assunto. Recaimos, portanto, nas sensações como realidades, e é essa tendencia de que acusei os empiriocriticistas no meu livro, merecendo reparos de Pontes de Miranda.

Este aceita as consequencias das sutis analises de Mach, suas consequencias, como Petzoldt (6), mas não néga a "coisa em si" no sentido feuerbachiano do termo.

4.—O PROBLEMA NA IDADE-MÉDIA

Tais os termos em que as tendencias dominantes no cenario filosofico-cientifico atual puzeram a questão. A brevidade de nossa exposição não permite particularisar. Aí esquissámos perfunctoriamente o que os autores alemãis têm discutido em paginas abundantes e professorais.

---

(4) Berkeley, *Treatise on the principles of human knowledge.*

(5) Avenarius, *Der menschliche Weltbegriff.* Nesse trabalho está inclusa uma carta de Schuppe sobre a *Bestätigung des naiven Realismus*, onde se nóta o parentesco intimo de imanentes e empiriocriticistas...

(6) Petzoldt, *Das allgmeinste Entwicklungsgesetz.*

Vamos á filosofia medióva.

Nos primeiros tempos, ha simplesmente passiva receptividade do saber antigo. E' como o adubamento do terreno. Borbulham os enciclopedistas (seculos IV ao VIII), que enfeixam conhecimentos sob o nome de filosofia. Só o sec. IX demarca as fronteiras da teologia e das artes liberais. Então começa o trabalho para a reconstrução dos quadros filosoficos. Cultúa-se exageradamente a dialetica, que enche a filosofia do tempo. E deparamos com as interminaveis discussões sobre os *universais*, que constituiram o eixo dos debates da escolastica, provocando extraordinarios torneios de logica, ligados aos problemas fundamentais da metafisica e da psicologia. A's vezes um mundo de palavreadoôco e sofistico, a que falta a menor base experimental, girando casuisticamente á volta de textos antigos, em *charabias* tremendo.

O problema dos universais pode ser posto assim: que correspondencia existe entre nossos conhecimentos intelectuais, abstratos e gerais, e os sêres extra-mentais objetivos?

E' a mesma pergunta: as noções gerais que temos no espirito são traduções subjetivas de fatos objetivos?

Em torno do quesito desdobrou-se permanente combate. Os pensadores medievais separaram fortemente os dois tipos do conhecimento. As sensações representavam algo determinado pela coisa, segundo suas propriedades objetivas. E o conhecimento intelectual, desligado do particular, do individual, do qual se abstraira, como conceito universalisado, abrangendo as coisas existentes ou possiveis.

Porem tais conceitos em que medida são traduções do mundo exterior á mentalidade do individuo?

5.—REALISMO E CONCEITUALISMO.

Da resposta ao quesito decorreram quatro correntes:

1.) O realismo radical, afirmando uma correlação estreita entre o mental e o extra-mental, o real-concebido e o real-objetivo.

Mas como corresponderá um conceito abstrato

e universal a sêres individuais determinados, sem perderem sua universalidade? Si ha, na objetividade exterior, algo que corresponda exatamente ao conceito universal, e só a ele, por suas caracteristicas proprias, este conceito individuou-se, o que é uma *contradictio in adjecto.*

2.) Mas vem o conceitualismo e retruca: a unica substancia existente é o individual. Isso não impede a representação dessa substancia individual em conceitos abstratos, que diferem da sensação. O conceito assim universalisado adquire expressão, o *nome.* Corresponde essa representação á objetividade exterior? Não o sabemos. Os individuos possuem essa substancia? Ignoramos. Conclusão: Os universais têm objetividade ideal, não real.

3.) Aparece o realismo aristotelico como tendencia conciliadora e pondera: os dois têm parcialmente razão. O conceito tem valor ideal e valor real. Não significa abandonemos o apelativo particular, indicativo da realidade objetiva. Por que? porque o tipo abstrato não se contem todo no sêr individual, como explica Wulf. E' a abstração ulterior que caracterisa a universalidade do conceito.

4.) Emfim, o realismo platonico, considerando contrariamente: toda realidade objetiva exterior é individual. Sobre ela modelam-se nossas representações. Platão, no *Theaetetus*, expõe a diferença que ha algumas vezes entre o conhecimento *(epistème)* e a percepção (sensação, *aisthesis)*, maneira sob que nos aparecem (*phantasia*) (7). Democrito mesmo já distinguira o conhecimento legitimo (*gnesin*) do conhecimento obscuro dos sentidos (*skotin*) (8).

6.—A SOLUÇAO DA ESCOLASTICA.

A escolastica repeliu a solução platonica. Por

---

(7) Zeller, *Plato and the older Academy*, 1880, London, p. 171: «In opposition to this, Plato shows in the *Theaetetus* that knowledge is something different from Perception (sensation) and Right Opinion. Percept is not knowledge...»

(8) Brochard, *Les Sceptiques Grecs*, p. 10. «Quand il (Democrito) est sceptique, c'est uniquement à l'égard des données sensibles. Mais il y a, suivant lui, un autre mode de connaissance bien plus certain: c'ert la raison, ou plutôt, le raisonnement.»

que? Explica-se. Extinguindo-se ou atenuando-se qualquer barreira entre sensação e pensamento, tudo se vai formando, das formas inferiores da abstração, convizinhantes nos fenomenos elementares de irritabilidade do tecido nervoso, ás formas superiores de atividade mental, por simples formações sucessivas de complexidade crescente, como aceitamos sob o moderno criterio biologico (9). O que sempre foi absolutamente oposto ao dualismo escolastico.

Os aspectos de ordem logica, epistemologica, psicologica e metafisica—considera Wulff—escaparam aos primeiros filosofos da escolastica.

Na sua *Isagoga*, que era uma introdução ás categorias aristotelicas, Porfirio indága: os generos e especies existem na natureza? ou são puras construções do espirito? Existem fóra dos sêres sensiveis? ou são realisados neles? Por outros termos: são "coisas em si" mesmas ou produtos psiquicos,—*sive subsistant, sive in nudis intellectibus posita sint?*

E como resolve Porfirio o impasse? Negando-se a responder: *Discere recusabo.* Vem então Boecio e conclue: generos e especies são, simultaneamente, *subsistentia* e *intellecta.* O fundamento comum da individualidade está na objetividade, e o fundamento comum da universalidade no espirito, melhor, no entendimento. (10)

Esse professor de logica falou só. A epoca não o compreendeu.

Mas analisemos em que parece o problema da realidade objetiva da filosofia medieval ao da filosofia moderna. A questão, segundo formulára Porfirio, era: os generos e as especies são realidades substantivas *(subsistentia)* ou simples fenomenos mentais (*nuda intellecta*)? Hoje, o pensamento não gravita na

---

(9) Djacir Menezes, *O Problema da Realidade Objetiva*, 1932. *Psicologia*, 1934.—*Pedagogia*, 1935.

(10) Lowe, *Kampf zwischen Realismus und Nominalismus im Mittelalter*, p. 30, *passim*. "Boëthius—escreve Sandys—holds an intermediate position between the ancient world and the Middle Ages. He was the last of the learned Romans who understood the language and studied the literature of Greece; and he was the first to interpret to the Middle Ages the logical treatises of Aristotle..."—p. 253, v. 1.º, *A history classical scholarship*, 2nd edition, 1906.

gaiola dessa obsoleta terminologia. A pergunta é mais clara: o psiquico, com nossas representações, sensações, etc., reflete o ambiente exterior, do qual surgiu por evolução natural, ao qual pertence, no mais alto gráo da materia organisada? ou a realidade objetiva exterior é creação do espirito como realidade unica? Qualquer das perguntas está monisticamente formulada, pois tende á redução do fisico ao psiquico (idealismo) ou do psiquico ao fisico (materialismo).

Os *antiqui doctores* resolveram que generos e especies eram realidades substantivas. Com Roscelin, o contrario: generos e especies não passam de sons vocais vazios (*flatus vocis*), porem, como sustenta Baumgartner, ele não negára a *relação* entre o termo vocal e o conceito abstrato.

7.—ABELARDO E O PROBLEMA DOS UNIVERSAIS.

Pedro Abelardo analisou o aspecto metafisico, logico, psicologico, criteriologico do problema dos universais. Suas opiniões repercutiram extraordinariamente. Para ele, a linguagem são palavras convencionais de formas gerais, como pretendia Roscelin (*nativitas sermonum vel vocum hominum institutio*). Porem a palavra envolve noção geral, abstrata. Não é só *vox*, mas *nomen* ou *sermo*. O *nomen* possue realidade pensada (*vox significativa*). Ora, á luz da glotologia moderna, ha muita infantilidade nessas sutilezas... Mas não importa aqui pesquiza-las. Historiamos e concluímos.

Entre a percepção sensivel e a percepção abstrata, ha a grande diferença caracteristica de toda filosofia medieval. E' esse divorcio que desconhece a psicologia atual, afirmando a *continuidade* e *naturalidade* do conhecimento humano, que não transcende ás necessidades reais de adaptação dos individuos e grupos humanos. O conteúdo dessas percepções procéde, entretanto, dos dados sensoriais. Porem, ao vêr de Abelardo, o conteúdo pensado, mercê do processo abstrativo, *desindividua-se*, perde a tonalidade particular dos elementos reais do mundo exterior.

Estão traçados os lineamentos gerais do realismo moderado, a que os doutores do seculo XIII acrescentarão as formulas da ideologia peripatetica.

8.—SENSAÇÃO E PENSAMENTO NA ESCOLASTICA.

Sensação e pensamento são distinções irredutiveis na escolastica. Revelam ordens diferentes de fatos, o sensivel e o suprasensivel, como fontes originarias do fenomeno do conhecimento. Nessa irredutibilidade está mesmo a caracteristica da psicologia medieval e de sua herança aristotelica. E' essa divisoria que procuram defender os "revenants" da pedagogia de agora. Os sentidos ministram o conhecimento sensivel, apenas conhecimento em perspectiva, estado puramente receptivo. O objeto exterior provoca reação dando em resultado a *cognitio:* daí a divisão em *species sensibilis impressa, expressa.*

O seculo XIII aferrenhou-se na discussão das ideas abstratas, falando do espirito como *tabula rasa:* a fenomenalidade exterior atúa (*species intelligibilis impressa*), determinando uma reação caracteristica (*species intelligibilis expressa*) por isso que o entendimento humano é passivo, isto é, sua ação condicionada pela solicitação exterior.

O realismo tomista afirma a ação do mundo exterior sobre o entendimento por intermedio da *imagem sensivel;* ou melhor, pelo objeto extra-mental, resolvendo que a universalidade procéde exclusivamente do estado nocional, fundamento ao universal como tal (*formaliter*). E' o realismo de Abelardo atravez do pensamento tomista. Culmina a argumentação no mais alto intelectualismo. E' uma filosofia noö-centrica por excelencia. Concebe a inteligencia como força motriz da vontade, *voluntas de necessitate movetur.*

O objeto sensivel—*excitant animam intellectivam ad intelligendam*—é insuficiente na produção do pensamento: e o tomismo aqui se insurge contra Platão. A influencia da sensação é causal, no pensamento; dispensa qualquer iluminação especial: a inteligencia humana póde sosinha conhecer--*parvum lumen intelligibile, quod nobis est connaturale, sufficit ad nostrum intelligere.* A origem das verdades, havidas como transcendentes pelo augustinianismo, dispensa a intervenção divina.

A metafisica pluralista do real exterior, feito de individuais reais, colocou a escolastica como inimiga

permanente do monismo. Combateu-o em todos os tempos. As tendencias monopsiquistas da filosofia arabe sofreram seu revide condenatorio. A escolastica é adversaria tenaz do monismo, cujas expressões doutrinarias são definidas nos escritos do averroismo. As discussões racionais do ocidente, quando fóra dos perimetros do aristotelismo e das especulações gregas em geral, demonstram-nos que, na esfera do islamismo, o *Kalâm* representou papel simile á *Escolastica*. Mas a discussão livre ameaçava a estreiteza de dogma: e o *Kalâm* transformou-se: passou a defender os dogmas atacados com as armas do dialeticismo (11).

Avincene (Ibn-Sina) identifica Deus e o Universo. O panteismo de Avicebrol ou de David de Dinant, e suas modalidades, traduzem variantes mais ou menos claras do pensamento monista, considerando a existencia (*quidditas*) real como afetada de individualidade; o pensamento universalisa... (12)

Mas é precisamente nessas confusas tendencias monistas que encontramos afinidades com o pensamento contemporaneo, apagando sempre dualismos animistas nas tentativas de explicar a fenomenalidade universal em continuidade genetica e evolutiva.

9.—REMATANDO

Resumamos o nosso ponto de vista.

O problema da realidade objetiva perde-se, na meia-idade, na verbiagem do mais refinado escolasticismo. As direções dominantes nas especulações resultavam de exegese de textos, sobre os quais se exercitavam façanhas de logicismo.

---

(11) Sandys, *A history of classical scholarship*, v. 1.º: "The term 'scholar', in its primary sense a "learner", is applied in its secondary sense to one who has learned thoroughly all that 'the school' can teach him..."—Wulf, *Histoire de la Philosophie Medievale*, v. 1.º, p. 11: "Au moyen âge, le *scholasticus* est le mâitre qui dirige une école, ou l'homme de culture versé dans le trivium et le quadrivium. Par extension, on appela de ce nom tout savant et tout professeur, et le titre est honorifique."

(12) Renan, *Averròes et l'Averroisme*, Essai historique, 1925. Santo Tomaz diz expressamente: "Est igitur intellectus facultas ab organo intrinsece independens" para acentuar o pensamento como independente das condições da materia organizada.

As ciencias experimentais eram irrisorias. Não forneciam as bases para tais remigios especulativos. Tal problema epistemologico e gnoseologico é hoje formulado diversamente. Temos, atraz de nós, uma formidavel sistematisação de descobertas cientificas e aperfeiçoamentos metodologicos que fatalmente modificaram o modo de plantear e solver o problema.

A discontinuidade pluralista da estrutura do universo não depende do cascatear dos silogismos, em dedução de logica formal, como criam os dialetas feudais. Quem no-lo afirmou foram os fisicos, perquirindo novas leis no mundo intratomico, a inercia e o peso das radiações, a teoria quantica de Planck, a constituição da mecanica estatistica com seu largo alcance filosofico determinando novos conceitos de *lei cientifica*. Os trabalhos formidaveis de Bohr, De Broglie, Heisenberg, Schrödinger, Einstein, Lorentz, raros mais, renovaram radicalmente todos os velhos conceitos classicos do Universo, do Espaço, do Tempo, da Energia, transformando poderosamente as idéas fundamentais herdadas de uma «ciencia edificada outrora sobre dados macroscopicos», como escreve Mach. No dominio epistemologico, as consequencias foram tremendamente revolucionarias e fecundas.

Não se tece a teia filosofica moderna encadeando silogisticamente raciocinios, mas procurando compreender, atravez dos ensinamentos ultimos da ciencia atual, a visão sintetica do Universo, onde a vida é apenas um acidente da radioatividade.

Eu continúo sem compreender o raciocinio fecundo por si poprio, tirando seiva de si mesmo, extraindo-se vigôr, como o barão de Munkhausen arrancando-se a si mesmo do marnel pelos cabelos. Para mim, o pensamento busca o apoio nos fatos cientificos, como alicerce para sua especulação, e é no mundo exterior que está o *placet*. A sanção vem da experimentação objetiva. O pensamento é instrumento de adaptações superiores, resultado biologico da evolução da especie humana no planeta.

Essas revivescencias anemicas rotuladas de neo-espiritualismo, neo-tomismo, e outros matizes, não exprimem as tendencias profundas e legitimas da ciencia humana,—mas reflexos efemeros dos reacionarismos sociais na esféra da especulação filosofica. São lucilações transitorias.

Verificamos, no curso do presente trabalho, procurando expor tão imparcialmente quanto possivel esses retalhos da filosofia medieval, que o espirito especulativo da escolastica, sutil e agil, distrai-se extraordinariamente em frivolidades fantasticas para resolver si nossas idéas são imagens do mundo exterior, si o nosso pensamento apanha realidades objetivas, e não simples relações, como dizem Poincaré, Mach, Petzoldt, Pontes de Miranda, etc. O mais das vezes, a discussão entre nominalistas, realistas e conceitualistas perde-se esterilmente em averiguar correspondencias entre elementos foneticos (*vox*) e conteudos significativos, ilhando-se na mais pura esfera de subjetivismo.

Aqui, alem, surpreendemos os élos mais proximos, que os relacionariam com a posição do problema na epistemologia e gnoseologia contemporaneas.

A tudo isso, acrescentai minha educação cientifica, dentro do experimentalismo cientifico, sempre ligada ás tendencias positivas do mundo dos fatos, requerendo, portanto, esforços de adaptação mental para perscrutar e apreender, na complicada e accidentada terminologia obsolêta, os traços diretores do pensamento que a orienta.